



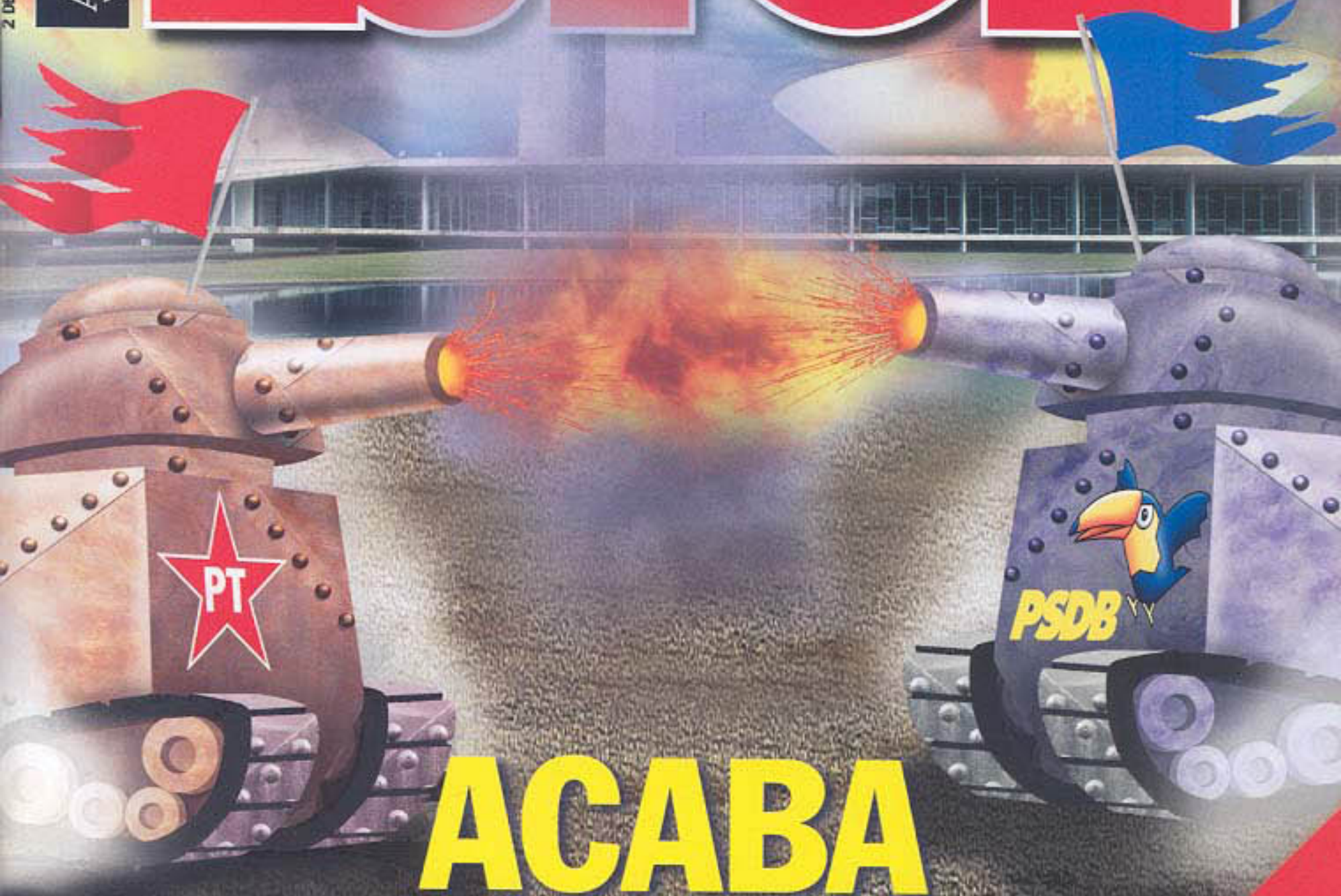
Parte da receita da venda deste exemplar será revertida para o projeto Floresta do Futuro ISTOÉ, da Fundação SOS Mata Atlântica

2 DE NOVEMBRO/2005 Nº 1881

EXEMPLAR DE ASSINANTE VENDA PROIBIDA

www.istoe.com.br

ISTOÉ



ACABA A TRÉGUA

- Comprovação do tucanoduto derruba presidente do PSDB, Eduardo Azeredo
- Comissão da Câmara enterra sonho de José Dirceu de fugir da cassação

A LISTA DE MARCOS VALÉRIO

ST DE SOUZA PAULO CUNHA
MARCIA REZINA
SILVANA

TOTAL GERAL
TOTAL R\$ 3.515.000,00, por orientação de Dulcilio Soares
Brasília, 1º de Agosto de 2005
MARCOS VALÉRIO PRESIDENTE DA LISTA

CIÊNCIA, TECNOLOGIA & MEIO AMBIENTE

HISTÓRIA

Uma das mais belas e famosas paisagens nacionais, a Baía de Guanabara pede socorro para resistir à poluição e ao descaso



CARTÃO-POSTAL Antes visitada por baleias e botos, a baía hoje recebe toneladas de lixo e esgoto

SUSPIROS DO PARAÍSO

ELIANE LOBATO

O Rio de Janeiro é considerado uma das cidades mais bonitas do mundo, com florestas, mar, montanhas e uma natureza deslumbrante. Isso apesar de já ter perdido muitos dos atributos que extasiavam os visitantes do século XVI, como mostra o livro *Baía de Guanabara — biografia de uma paisagem* (Andrea Jakobsson Estúdio Editorial, 272 págs., R\$ 120), de Eliane Canedo de Freitas Pinheiro. Mesmo sem águas cristalinas — nas quais nadavam cardumes de baleias e botos —, árvores gigantes e os manguezais que a circundavam, a Baía de Guanabara resiste bravamente às inúmeras agres-

sões sofridas em meio ao processo de urbanização do Rio.

O cenário original não existe mais, porém ainda restam a biodiversidade e a beleza fascinantes. O livro conta a história da baía, identifica seus problemas e chama a atenção para os sinais de perigo. É uma declaração de amor e um pedido de socorro ao mesmo tempo.

A obra é amplamente ilustrada com mapas, desenhos, e comparações entre o Rio antigo e o atual. O fotógrafo Custódio Coimbra, autor das belíssimas imagens atuais, capta linguas negras invadindo as praias e espumas de aparência apodrecida boiando sobre as águas. São as partes visíveis dos estragos feitos pelas enormes cargas de po-

luentes lançadas irresponsavelmente. “Continuamos coletando esgoto de cerca de 60% das residências e praticamente todo o detrito chega sem tratamento à baía, resultando numa carga poluidora 40 vezes maior do que a existente no final do século XIX”, afirma Jerson Kelman, professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Eliane diz que o livro pretende “lembrar que a baía vem tentando, ao longo dos anos, adaptar-se a cada nova condição que lhe é imposta” e continuar respirando. Já está mais do que na hora, portanto, de inverter essa situação e assumirmos a tarefa de regenerá-la. Nem que seja pela certeza de que atitudes como essas é que vão garantir nossa própria sobrevivência. ■